



Tipo de trabalho: Resumo simples

## EXPERIÊNCIAS DE MAL-ESTAR NA PANDEMIA: A ADAPTAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR PARA O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL<sup>1</sup>

Laís Cristine Jung<sup>2</sup>, Karine Medina<sup>3</sup>, Amanda Schöffel Sehn<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida durante o estágio em Psicologia e Processos Educacionais do curso de Psicologia da UNIJUI

<sup>2</sup> Psicóloga, Graduada pela UNIJUI, laiscjung@hotmail.com - Campina das Missões/RS/Brasil

<sup>3</sup> Psicóloga, Graduada pela UNIJUI, karine.medina@hotmail.com - Santa Rosa/RS/Brasil

<sup>4</sup> Professora orientadora, Doutora em Psicologia, Curso de Psicologia (UNIJUI), amanda.sehn@unijui.edu.br - Ijuí/RS/Brasil

**Introdução:** A pandemia causada pelo novo coronavírus tem imposto uma série de mudanças na rotina da população, o que afetou milhões de estudantes no mundo e, conseqüentemente, impulsionou a reorganização do sistema de ensino para a modalidade online. Os desdobramentos para as escolas têm sido significativos, uma vez que os professores têm necessitado repensar os processos educacionais e as relações pedagógicas. Especificamente no Brasil, a adaptação ao ensino remoto emergencial (ERE) tem agravado o cenário educacional que já se encontrava em um processo de descaso e desvalorização contínuo. Também evidenciou o distanciamento de professores e alunos em relação ao uso de tecnologia anteriormente à pandemia, destacando a desigualdade social e a ausência de equidade no acesso à educação. O sofrimento do professor, que já estava presente, por meio de experiências atravessadas por angústia e adoecimento, se torna ainda mais sobressalente diante das inúmeras mudanças necessárias para o ERE, como a necessidade de reorganizar o trabalho e aprender a lidar com as tecnologias, além da sobrecarga devido ao aumento no volume de tarefas. Por fim, a escola também parece se recusar a acolher a condição de mal-estar do professor, pois as queixas, em alguma medida, denunciam a situação de abandono em que se encontra a própria escola, em particular, nesse momento de pandemia causada pela COVID-19. **Objetivos:** Investigar a experiência do professor na adaptação para o ensino remoto emergencial (ERE). Em particular, visa compreender as experiências de mal-estar que marcaram o trabalho do professor durante a pandemia de COVID-19. **Metodologia:** Participaram do estudo 159 professores, em sua maioria da rede pública de ensino (87%) de diferentes escolas e universidades, situadas em vários municípios do Brasil, sendo a maioria da região Sul (93%). Os professores, dos quais 89% eram mulheres, no momento da pesquisa, estavam trabalhando em apenas uma etapa do ensino (53%), com prevalência para o ensino fundamental (53%). Trata-se de um estudo exploratório, recorte de uma pesquisa maior, cuja coleta de dados foi realizada online e divulgada em plataformas digitais (como facebook, e instagram). Os professores que concordaram em participar da pesquisa registraram seu aceite diante da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram direcionados para dar seguimento às respostas do Questionário sobre experiência profissional. Esse instrumento visou acessar dados



**Tipo de trabalho:** Resumo simples

sociodemográficos e buscou conhecer as ferramentas e as adaptações que o professor tem realizado no seu trabalho para atender os alunos de forma remota. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNIJUÍ com o protocolo CAAE número 34636920.0.0000.5350. Os dados do questionário foram analisados de forma qualitativa e quantitativa, observando-se frequências e médias. **Resultados:** A partir da análise dos dados, identificou-se que os professores apontaram diferentes experiências de mal-estar. Dentre elas, destaca-se a cobrança advinda da direção da escola e da sociedade, indicada por cerca de 25% dos participantes. Associado a isso, pode-se encontrar o excesso de burocracia solicitada pela direção-governo em relação à execução das aulas online. Também foi possível encontrar o descontentamento dos professores com o julgamento em relação ao seu trabalho. Devido a pandemia, as aulas inicialmente tiveram que ser suspensas para posterior retorno através da virtualidade. Contudo, a esse novo modelo de ensino foi necessário uma ampla participação dos pais/responsáveis, o que elevou as críticas acerca da função do professor, dado apontado por 15% dos participantes: *“Nossa carga horária acabou triplicando (...) Então o cansaço mental, físico acaba gerando ansiedade, insônia. E também a grande cobrança de pais, da comunidade em geral. Muitos julgamentos.”* (Prof59). Outra experiência de mal-estar bastante presente foi a transição para o ensino remoto (20%), de modo que os participantes relataram a desigualdade no acesso às aulas, o que afetou a participação de seus alunos. Ainda, mencionaram não possuir conhecimentos suficientes sobre o uso das tecnologias e referiram desconforto em gravar as aulas e ligar a câmera, uma vez que os *“alunos com as câmeras fechadas, (...) causa a sensação de solidão, de estar falando para uma máquina apenas.”* (Prof15). A ausência de envolvimento dos alunos nas aulas e nas atividades também foi referida por 15% dos participantes como fonte de mal-estar. A exemplo disso, relatou um dos professores: *“organizei uma atividade e enviei para o whatsapp da turma, de todos os 18 estudantes presentes no grupo, apenas dois enviaram a atividade.”* (Prof72). Além das questões relacionadas aos alunos, à família e à burocracia, aspectos pessoais foram considerados por 10% participantes como experiência de mal-estar durante esse período de pandemia. Os professores mencionaram a impotência diante de dificuldades socioeconômicas dos alunos e frente ao processo de aprendizagem: *“não conseguir atingir todos os alunos e não saber se estão aprendendo...”*. (Prof96). Destacam, ainda, cansaço e sobrecarga ao conciliar os afazeres domésticos e o trabalho. Havendo, então, além da cobrança provinda de outros sujeitos, a exigência do próprio professor em relação ao desempenho do seu trabalho e ao aprendizado de seus alunos. Por fim, cabe destacar que 15% dos participantes optaram por não responder ao campo relativo à experiência de mal-estar. **Conclusões:** Em conjunto, os dados evidenciam a importância de discutir sobre as experiências do professor durante a pandemia. É urgente que a escola, enquanto instituição, possa ser (re)pensada para acolher o mal-estar do professor, junto com todos os seus agentes: família, alunos, direção, entidades municipais e estaduais, e professores. Aposta-se na escuta como possibilidade de acolher o sofrimento do professor e como estratégia para refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, de modo que as mudanças



**Tipo de trabalho:** Resumo simples

impostas pela pandemia possam contribuir para a ressignificação da instituição escolar.

**Palavras-chave:** Relação professor-aluno; Tecnologia educacional; Coronavírus; Professores.